



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES CAMPUS III
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA INGLESA**

SUSAN RAMOS DE OLIVEIRA FERREIRA

**ENTRE SÍMBOLOS E SIGNOS: A NOVELA GÓTICA “THE TURN OF THE
SCREW” A LUZ DA SEMIÓTICA PEIRCEANA**

GUARABIRA – PB

2017

SUSAN RAMOS DE OLIVEIRA FERREIRA

**ENTRE SÍMBOLOS E SIGNOS: A NOVELA GÓTICA “THE TURN OF THE
SCREW” A LUZ DA SEMIÓTICA PEIRCEANA**

Artigo apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Letras, da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientadora: Prof. Me. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos

GUARABIRA – PB

2017

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

F383e Ferreira, Susan Ramos de Oliveira

Entre símbolos e signos: a novela gótica “the turn of the screw” a luz da semiótica Peirceana / Susan Ramos de Oliveira Ferreira. – Guarabira: UEPB, 2017.

24 p.

Monografia (Graduação em Letras)
Universidade Estadual da Paraíba.

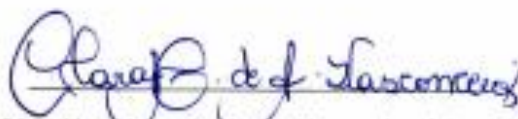
SUSAN RAMOS DE OLIVEIRA FERREIRA

**ENTRE SÍMBOLOS E SIGNOS: A NOVELA GÓTICA "THE TURN OF THE
SCREW" A LUZ DA SEMIÓTICA PEIRCEANA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Departamento de Letras da Universidade
Estadual da Paraíba, Campus III, como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciada em Letras.

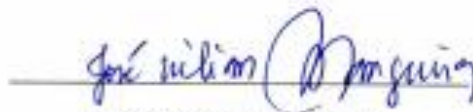
Aprovada em: 26/07/2017.

BANCA EXAMINADORA



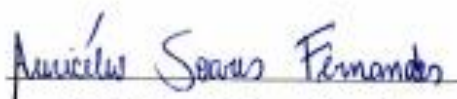
Prof. Me. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos (Orientadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. José Viliam Manguiera

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Auricélio Soares Fernandes

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

GUARABIRA

2017

SUMÁRIO

01. Introdução.....	10
02. Breves considerações sobre Henry James.....	11
03. O lugar do símbolo na semiótica Peirciana: Algumas considerações.....	14
04. Os símbolos em The Turn of The Screw.....	18
05. Considerações Finais.....	24
06. Abstract.....	25
07. Referências.....	26

Dedico este trabalho aos meus pais, Severino do Ramos Ferreira e Maria do Carmo Oliveira Ferreira, e a minha orientadora, Clara Mayara de Almeida Vasconcelos, pessoas que me ajudaram e apoiaram em meus caminhos.

AGRADECIMENTOS

“Há três coisas importantes na vida: ser amável, ser amável, e ser amável”

[Henry James]

- A Deus, por sempre me guiar e me dar forças durante toda a minha vida;
- Aos meus pais, por sempre lutarem e se esforçarem para me ajudar e sempre me dar forças para que eu nunca desistisse;
- A minha orientadora, Clara Mayara de Almeida Vasconcelos, por sempre me ajudar em todos os momentos que tive dificuldades;

“Todo o universo é perfundido com sinais, se não for composta exclusivamente por sinais.”

Charles Sanders Peirce

"It is art that makes life, makes interest, makes importance... and I know of no substitute whatever for the force and beauty of its process."

Henry James

ENTRE SÍMBOLOS E SIGNOS: A NOVELA GÓTICA “THE TURN OF THE SCREW” A LUZ DA SEMIÓTICA PEIRCEANA

Susan Ramos De Oliveira Ferreira¹

RESUMO

A semiótica é a área que estuda os signos e o que eles representam, ela se expande a diversas áreas como a área verbal, a não verbal, a música, cinema, fotografia, artes visuais, entre outros, tudo isso faz parte da semiótica, seu conhecimento é de aspecto duplo, em que seu ponto de vista se refere ao signo e o ponto de vista epistemológico que se conecta ao sentido dos objetos, ela é de extrema importância, pois se pararmos para observar iremos perceber que tudo ao nosso redor faz parte dos signos, tanto o que vemos como o que sentimos, e é exatamente isso o que faremos com a obra *The turn of the Screw* do escritor Henry James, bastante conceituado em sua época e que traz obras riquíssimas e que passou por vários países, guardando uma enorme bagagem intelectual, traz nesse romance, que é rico em símbolos, duas linhas de raciocínio, fazendo algumas pessoas acreditarem que tudo seria real e outras acreditarem que tudo não passava de ilusão da mente da cuidadora, sendo ou não ilusão, dentro da trama nos deparamos com vários símbolos que são percebidos pela personagem através de objetos, lugares ou sensações, e é exatamente através das sensações dessa personagem que iremos captar o que cada sensação ou visão poderia significar. O presente trabalho está dividido em cinco partes, a primeira são algumas considerações sobre o autor da obra, parte em que contaremos um pouco de sua vida e falaremos algumas de suas mais importantes obras, em seguida falaremos do símbolo dentro da semiótica peirciana, nessa parte iremos mostrar o que significa e para que serve a semiótica, a terceira parte é onde trataremos dos símbolos dentro da obra *The Turn of The Screw*, tentando interpretar o mais precisamente possível o que cada acontecimento significa, na quarta parte faremos uma conclusão à respeito do que foi exposto nesse trabalho e por fim, na quinta parte colocaremos as referências. O objetivo deste trabalho centra-se na interpretação dos símbolos que evocam uma conotação sobrenatural presentes na narrativa à luz da semiótica peirciana. Para isso, utilizaremos as considerações de SANTAELLA (1995), PEIRCE (2003), FERRAZ JÚNIOR (2014), no que concerne às considerações acerca da semiótica peirciana; e CHEVALIER & GHEERBRANT (1986), dos quais utilizaremos alguns conceitos sobre alguns símbolos apenas a título de ilustração de algumas questões culturais, mas que não pretendemos enveredar pelo viés das considerações filosóficas. Por fim, utilizamos como metodologia para o desenvolvimento deste trabalho a revisão de pesquisas bibliográficas, por meio eletrônico e documental para a

1

fundamentação teórica e coleta do corpus, respectivamente, com a finalidade de promover a interpretação dos símbolos.

Palavras chave: Semiótica. Símbolos. Literatura norte-americana.

INTRODUÇÃO

A obra *The Turn of the Screw* (1898), escrita por Henry James, se caracteriza pela presença marcante de símbolos na construção de sua narrativa. Elementos estes que conferem à leitura, de forma subjetiva, informações que estão vinculadas a um determinado contexto e/ou cultura, conferindo ao trabalho, por meio do uso estético das palavras, significados que proporcionam ao leitor uma interpretação diferente de determinadas passagens do texto a partir da forma como esses signos se relacionam entre si (semiose) e com a narrativa na construção de novos significados/interpretantes.

A análise aqui desenvolvida centra as suas ponderações nas considerações de SANTAELLA (1995), PEIRCE (2003), FERRAZ JÚNIOR (2014) acerca da Teoria Geral dos Signos, também conhecida como Semiótica Peirceana ou Semiótica Americana, para que possamos compreender a relação triádica que os elementos da semiose (representâmen, objeto e interpretante) estabelecem entre si na construção de novos significados *ad infinitum*. Entretanto, também utilizaremos algumas definições proporcionadas por CHEVALIER & GHEERBRANT (1986) em seu *Diccionario de los símbolos* sobre alguns elementos para que possamos compreender como foi construído socialmente o imaginário sobre determinado elemento a título de ilustração para que possamos compreender como, na relação triádica da semiótica peirceana, esses símbolos se constituem e auxiliam na construção do significado do texto e do terror/horror que lhes é característico.

Este trabalho está organizado em três seções que estão organizadas da seguinte forma:

- *Breves considerações sobre Henry James:* momento em que falaremos, de forma sucinta, sobre o escritor norte-americano e o seu papel na literatura, além de mencionar as suas principais obras e mostrar a perpetuação de alguns de seus trabalhos até a contemporaneidade, ressaltando a sua importância pela imortalização de sua obra;

- *O lugar do símbolo na semiótica peirciana: algumas considerações:* nesta parte do trabalho, explicaremos/abordaremos a teoria aqui utilizada, focando as considerações no modo de representação simbólico para que possamos mostrar, na seção seguinte, a sua aplicabilidade à obra estudada para que compreendamos como se fundamenta esta teoria e a forma como está estruturada;
- *Os símbolos em The Turn of the Screw:* neste momento, aplicaremos ao texto a teoria explicada no tópico anterior, onde mostraremos a sua aplicabilidade e importância em estudos que analisem a linguagem literária, ao mostrar que determinados elementos, que a princípio poderiam despercebidos, proporcionam ao texto uma conotação diferente quando compreendemos a sua construção/conceituação está vinculada a um determinado contexto social.

Por meio das semioses construídas ao longo desse trabalho, alcançaremos o objetivo ao qual nos propomos que é analisar a construção sógnica simbólica da obra *The Turn of the Screw*, na compreensão desses signos que evocam uma conotação sobrenatural na obra.

1 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE HENRY JAMES

EL ESCRITOR EM PROSA más eminente que haya producido Estados Unidos es Henry James. Son muy pocos sus iguales en la literatura nacional: Whitman y Dickinson entre los poetas y Ralph Waldo Emerson entre los profetas. Hawthorne y Faulkner son los únicos escritores de romances que se le acercan, pero su obra sutil es mucho más minuciosa y universal que la de ellos². (BLOOM, 2002, p. 871)

Nascido em 15 de maio de 1843 no estado de Nova Iorque nos Estados Unidos, Henry James Jr foi um escritor considerado em sua época e autor de alguns dos mais importantes contos, romances e críticas literárias e da língua inglesa. Nasceu nos Estados Unidos, porém naturalizou-se britânico em 1915 tendo assim duas nacionalidades. Era filho do teólogo Henry James Senior e irmão do médico, filósofo e

2

O ESCRITOR EM PROSA mais eminente que os Estados Unidos Já produziu é Henry James. São muito poucos pares na literatura nacional: Whitman e Dickinson entre os poetas e Ralph Waldo Emerson entre os profetas. Hawthorne e Faulkner são os únicos escritores de romances que se aproximam dele, mas o seu trabalho sutil é muito mais completo e universal do que o deles. (Bloom, 2002, p. 871)

psicólogo William James; seu pai era um homem culto e que fazia questão de dar uma boa educação aos filhos, por esse motivo viajou para a Europa com sua família quando Henry James Jr tinha apenas 12 anos, quando passaram três anos entre a Inglaterra, Suíça e França conhecendo museus, teatros e bibliotecas.

Em 1862 Henry começou a carreira de direito em Harvard, no entanto abandonou a carreira de direito para se dedicar à literatura após conhecer obras de Balzac, Hawthorne e George Newport; seus primeiros textos e críticas apareceram em alguns jornais da época. No começo de 1869 ele visitou a Inglaterra, Suíça, Itália e França, países esses que contribuíram com a quantidade de material para as suas obras, em 1875 voltou a Cambridge, viveu por um ano em Paris e em 1876 fixou-se em Londres, onde escreveu a maior parte da sua obra.

A produção literária de Henry James corresponde ao período do realismo, em especial ao realismo do meio-oeste estadunidense, tendo a sua obra caracterizada por obras ficcionais críticas conscientes, sofisticadas e mais difíceis durante o período em que escreveu, além de ser considerado, junto com Mark Twain, o maior romancista do século XIX nos Estados Unidos, de acordo com VanSpanckeren (1994). É em um período de profundas divergências que surge esta tradição literária, o realismo, marcado por uma fase após a reconstrução do EUA resultante da Guerra Civil, onde o país finalmente estabeleceu-se no oeste, delimitando a sua última fronteira.

Em um período marcado pelo crescimento dos negócios após a guerra, inauguração Um elemento que caracteriza a obra desse escritor norte-americano é o seu “tema internacional” que trata das difíceis relações entre o povo inglês e o estadunidense. Esse “tema internacional”, de acordo com o seu biógrafo Leon Edel, é o artifício que simboliza a sua primeira fase. Sua carreira literária teve três etapas, a primeira delas foi em 1870 com “*Roderick Hudson*” em 1876, “*The American*” 1877 e “*Daisy Miller*” 1879 e finalizou com a publicação de “Retrato de uma senhora” que fala sobre o confronto entre o novo mundo com os valores do velho continente. Na segunda etapa, considerada experimental, ele pôde fazer uso de vários temas e formas, tais como o feminismo e reforma social, de 1885 até 1890 ele escreveu três novelas com conteúdo político e social, são eles “*The Bostonians*”, “*The Princess Casamassima*” e “*The tragic muse*”, de 1890 à 1895, James escreveu sete obras de teatro, dessas quais duas delas foram encenadas, porém, com pouco êxito Henry voltou à narrativa com “A morte do leão” em 1894, “*The Coxon Fund*” em 1894, “*The next time*” 1895, “*What Maisie knew*” 1897 e “*The Turn of The Screw*” em 1898. A terceira etapa, ele retorna ao “tema

internacional”, desta vez marcado por aprofundamento em questões psicológicas, é composta pelas obras “*The beast in the jungle*” 1903, “*The great good place*” 1900, e “*The Jolly Corner*” 1909, essa última etapa foi considerada como a mais importante por alguns críticos da época.

Após abandonar a carreira de direito em Harvard, Henry dedicou-se à literatura, seus primeiros trabalhos vieram aparecer em alguns jornais da época, ele viajou muito, no começo de 1869 ele foi à Inglaterra, Suíça, França e Itália, lugares esses que aumentavam ainda mais seus conhecimentos, em 1845 ele voltou à Cambridge, viveu por volta de um ano em Paris e ficou em Londres, onde escreveu maior parte de suas obras, ao longo do tempo suas obras foram sendo reconhecidas, no entanto tem algumas que são as mais conhecidas e que se dividem em três etapas, a primeira foi na década de 1870, suas obras mais conhecidas dessa época são “*Roderick Hudson*” (1876), “*The American*” (1877), “*Daisy Miller*” (1879) e “*Portraits of a Lady*” (1881). Em sua segunda etapa, ele fez uso de diversos temas e formas, Henry escreveu três novelas de conteúdo político e social, são elas “*The Bostonians*” (1886), “*The Princess Cassamassima*” (1886), e “*The Tragic Muse*” (1889), novelas que falam sobre reformadores e revolucionários que mostram a influência da corrente naturalista. Após a segunda etapa, temos o chamado “os anos dramáticos” onde Henry escreveu sete obras de teatro e, que duas dessas obras foram encenadas com pouco êxito. Ele voltou à narrativa com “*The Death of The Lion*” (1894), “*The Coxon Fund*” (1894), “*The Next Time*” (1895), “*What Maisie Knew*” (1897) e “*The Turn of The Screw*” (1898). Sua terceira e última etapa é considerada por muitos críticos como a mais importante pois é quando ele explora o complexo de funcionamento da consciência humana, são obras dessa terceira etapa “*The Wings of the Dove*” (1902), “*The Embassadors*” (1903) e “*The Golden Bowl*” (1904).

Assim vemos que a obra de Henry James é marcada pela presença de inúmeros símbolos e variantes, o que, de acordo com Soares (2009), se tornou uma de suas grandes contribuições para os escritores da primeira metade do século XX, cuja importância reside na construção da base de uma nova literatura que florescerá em solo norte-americano, transcendeu o campo da literatura, sendo representada pelo meio audiovisual, chegando ao Brasil com a adaptação “Através da sombra”. Dessa forma podemos tanto ilustrar quanto compreender a importância de Henry James que ultrapassou os séculos.

2 O LUGAR DO SÍMBOLO NA SEMIÓTICA PEIRCIANA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Diferentemente do que acontece no campo dos estudos linguísticos, cujas importantes descobertas se concentram, de modo específico, nos mecanismos da comunicação verbal, a perspectiva que adotamos considera que qualquer coisa que se possa interpretar – ser, conceito, ação, processo, gesto, sensação, imagem, palavra, pensamento etc. – pode exercer a função de signo. Esse conceito tão amplo condiz com a tarefa que a Semiótica se impõe, que é a de descrever os mais variados processos de significação que caracterizam a nossa relação com o mundo. (FERRAZ JÚNIOR., 2014, p. 12)

Podemos dizer que a semiótica é a área que estuda os signos e o que eles representam. Ela se expande não só a área verbal, mas também a não verbal, como, por exemplo, a música, cinema, fotografia, artes visuais, entre outros, tudo isso faz parte da semiótica, pois tudo isso nos traz alguma informação ao observarmos determinado elemento e a sua relação com o contexto no qual está inserido, por isso ela considerada como “Pansemiótica”, pois pode ser aplicada a qualquer área.

A Teoria Geral dos Signos formulada por Charles Sanders Peirce se caracteriza por ser triádica, em que a ação dos signos se estabelece entre o signo, o objeto e o interpretante. O signo é a unidade que é dotada de significado e representa o seu objeto, podendo ser esse objeto um elemento concreto ou abstrato. A partir disso, o signo, em sua relação com o objeto que representa, produzirá um interpretante. Esse interpretante é o produto da semiose (ação do signo), ou seja, estamos falando da interpretação que é realizada a partir da ação do signo. Vejamos na figura abaixo a relação triádica estabelecida na semiose:

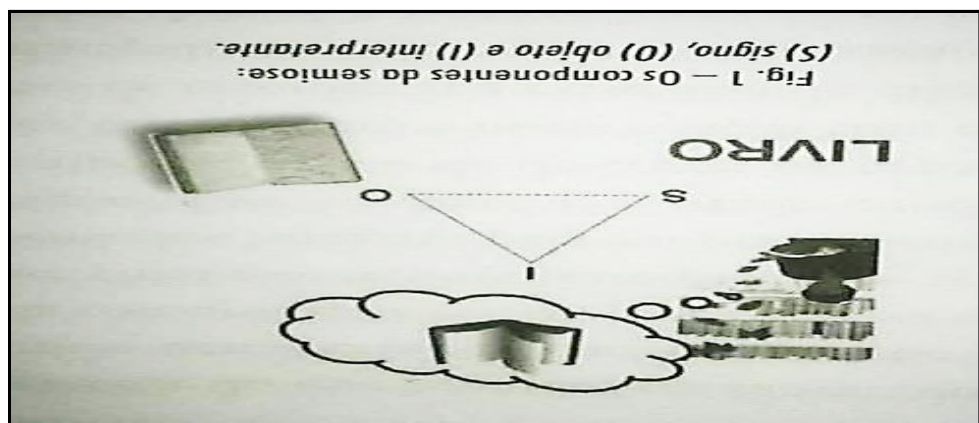


Figura 1 Semiose na semiótica peirciana³

Podemos compreender melhor, por meio da figura como se dá o processo de ação do signo. Temos o livro como objeto, a palavra “livro” como signos, pois carrega em si um significado convencional ao objeto (sendo, nesse caso, um signo do tipo símbolo) e, por último, a produção do interpretante que é a interpretação/compreensão do que é um livro a partir da relação que fazemos entre os dois elementos anteriores. Aplicaremos isso à nossa análise da obra de Henry James (*The Turn of the Screw*) ao identificarmos e interpretarmos o significado dos símbolos presentes na narrativa.

Nessa organização triádica dos signos, cabe ressaltar que a sua teoria se subdivide em primeiridades. Essa noção de primeiridade serve não para hierarquizar, mas para organizar as relações internas que esses elementos estabelecem entre si. A primeira relação entre as primeiridades foi denominada de “Categorias universais”. Essas categorias estão divididas em *Primeiridade*, *Secundidade* e *Terceiridade*. Em cada uma delas há subdivisões, sempre mantendo uma relação de organização a três entre os signos. A primeira categoria universal corresponde ao fenômeno do signo em si; a segunda categoria universal é a relação de representação do signo com o objeto; a terceira categoria universal é a relação do signo com o interpretante. Entretanto, nesse trabalho, voltaremos o nosso olhar para a segunda tricotomia peirciana que estabelece uma relação de representação entre o signo e o objeto na construção do interpretante, em especial ao símbolo que se encontra na terceiridade da secundidade. Vejamos a tabela abaixo extraída do livro *Semiótica aplicada à Linguagem Literária* de Expedito Ferraz Jr. (2014, p. 32):

3

Organograma extraído do livro *Semiótica aplicada à Linguagem Literária* de Expedito Ferraz Jr. (2014, p. 11).

CRITÉRIO DE CLASSIFICAÇÃO	DEFINIÇÕES	CLASSES DE SIGNOS
O signo em si (natureza do fenômeno considerado como signo)	Uma qualidade pura	Qualissigno
	Uma ocorrência singular	Sinsigno
	Uma norma ou hábito de interpretação	Legissigno
Relação Signo-Objeto (modo de representação)	Representa o objeto por semelhança.	Ícone
	Representa o objeto por possuir uma relação factual com ele.	Índice
	Representa o objeto porque assim determina uma regra ou convenção.	Símbolo
A relação Signo-Interpretante (grau de complexidade lógica de representação)	Designa um objeto sem nada asseverar.	Rema
	Uma proposição simples sobre o objeto	Dicissigno
	Premissas e conclusão acerca do objeto.	Argumento

Tabela 1 Quadro resumo: as tricotomias peircianas do signo

Segundo o quadro acima, podemos dizer que existem três tipos de signos em sua segunda tricotomia: o ícone, que é o signo que representa algo por similaridade, algo que tem as mesmas características, vemos algo e assimilamos o que ele representa, Exemplos de ícones são as fotografias ou esculturas que se tem de alguém, Ele vai passar exatamente as características daquele objeto ou pessoa, mesmo não sendo o objeto real, ao vermos uma fotografia ou alguma escultura nosso cérebro vai imediatamente lembrar do objeto real; o índice, esse signo representa um entendimento popular, uma herança cultural em que foi vivida, levando ao entendimento de um sinal que une essa experiência vivida, por exemplo, olhamos para o céu e vemos que ele está escuro, logo sabemos que irá chover, indicio casual e conclusão a partir do sinal, respectivamente; E o símbolo, que é uma ideia artificial do que aquilo poderia significar, esse signo refere-se à mente, que ideia ou sentimento aquilo irá demonstrar, por exemplo, uma borboleta verde passa, sinal de esperança. Peirce conceitua essa segunda tricotomia da seguinte forma:

Um signo é um ícone, um índice ou um símbolo. Um *ícone* é um signo que possuiria o caráter que o torna significativo, mesmo que seu objeto não existisse [...] Um *índice* é um signo que de repente perderia seu caráter que o torna um signo se seu objeto fosse removido, mas que não perderia esse caráter se não houvesse interpretante. [...] Um *símbolo* é um signo que perderia o caráter que o torna um signo se não houvesse um interpretante (PEIRCE, 2003, p. 74, grifos nossos).

Peirce chegou à conclusão de que toda experiência que temos é percebida aos poucos pela nossa consciência, sendo elas em três etapas, qualidade, relação – a qual foi substituída por reação, e representação, trocada depois por Mediação. Porém, por critérios científicos Peirce preferiu usar os termos Primeiridade, Secundidade e Terceiridade.

Primeiridade é a qualidade percebida pela consciência do indivíduo, é uma sensação não visível, tudo aquilo o que percebemos no momento imediato, é a compreensão rápida e superficial de um texto, mas não exatamente um texto lido, pode ser também qualquer imagem, é a ideia inicial que temos ou sentimos, por exemplo, ao vermos a chuva pensamos “chuva”, essa percepção faz parte da primeiridade, ao pensarmos “está chovendo” essa percepção faz parte da secundidade.

A Secundidade é a percepção dos eventos exteriores da realidade concreta na qual interagimos constantemente, essa é a compreensão mais profunda dos significados, é quando paramos para analisar determinado fato. Usando ainda como exemplo a chuva, ao chover, percebemos a chuva e pensamos “está chovendo”, nessa parte imaginamos a chuva, temos a ideia da água caindo ao solo.

A Terceiridade, a qual se refere ao estado acessível da experiência, aos significados, após observar e analisar que fazem parte da primeiridade e secundidade, respectivamente, passamos para a fase de interpretar, é a fase mais completa e complexa para o entendimento do signo, é nela que temos a completa compreensão do significado de tal coisa e o que isso quer dizer, podemos saber o que virá a seguir a partir dela. Como exemplo, podemos usar a cor azul, e logo imaginamos algo bom, temos a ideia de paz ao lembrarmos do céu azul, ligamos a cor azul a nossa experiência de observar o céu e ao céu temos a ideia de tranquilidade. Nessa categoria podemos incluir o símbolo como a terceiridade presente na secundidade. Esse elemento tem o seu significado mediado culturalmente e tem a força de “lei”, ou seja, para interpretarmos esse elemento, é necessário que conheçamos o contexto no qual está inserido. Continuando com o exemplo da cor azul, se formos interpretar a sua representação no contexto de um país onde o inglês seja a primeira língua, por exemplo, o significado de blue (azul) não estará vinculado a algo bom, mas sim à tristeza. Observamos, então, que a ação desse signo tem o seu significado convencionado socialmente. De acordo com Santaella:

Note-se que, por isso mesmo, o símbolo não é uma coisa singular, mas um tipo geral. E aquilo que ele representa também não é um individual, mas um geral. Assim são as palavras. Isto é: signos de lei e

gerais. [...] O objeto representado pelo símbolo é tão genérico quanto o próprio símbolo. Desse modo, o objeto de uma palavra não é alguma coisa existente, mas uma idéia abstrata, lei armazenada na programação lingüística de nossos cérebros. (SANTAELLA, 1995, p. 14)

Dessa maneira, vemos que os símbolos são uma categoria mais complexa, pois envolve as categorias anteriores em sua constituição. Um fato importante a ser observado na estrutura da *Teoria Geral dos Signos* é que as suas categorias são cumulativas. Sendo assim, mesmo ao analisarmos o caráter simbólico de uma obra, não estamos excluindo a presença das demais tipologias sígnicas, mas sim escolhendo um elemento para direcionarmos a nossa atenção na compreensão do texto por meio de um elemento específico, no caso desta pesquisa, o símbolo.

O signo simbólico permite-nos observar como alguns elementos participam da construção da significação da narrativa ao ter o seu significado vinculado ao contexto no qual está inserido, seja ele no âmbito textual ou cultural.

3 OS SÍMBOLOS EM THE TURN OF THE SCREW

Um *Símbolo* é um signo que se refere ao Objeto que denota em virtude de uma lei, normalmente uma associação de ideias gerais que opera no sentido de fazer com que o Símbolo seja interpretado como se referindo àquele Objeto. [...] o que é geral tem seu ser nos casos que determina. Portanto, deve haver casos existentes daquilo que o Símbolo denota, embora devamos considerar aqui ‘existente’ como o existente no universo possivelmente imaginário ao qual o Símbolo se refere. (PEIRCE, 2003, p. 52-53)

Tudo começa com uma história dentro da outra na novela “*The Turn of The Screw*”, quando um grupo de pessoas em uma época fria do ano, no natal, se reúnem para contar histórias de terror. Douglas, então, conta uma história que leu em um manuscrito em que foi confiado a ele. A história começa com uma nova cuidadora em que em nenhuma parte é mencionado o seu nome e que é contratada para cuidar de duas crianças órfãs, Miles e Flora, aparentemente amáveis e educadas, em um enorme casarão na cidade de Bly, na Inglaterra. No entanto algo estranho é pedido à nova cuidadora, o tio das crianças que trabalha fora e raramente as vê, pede para não ser incomodado em hipótese alguma e que de agora em diante as crianças ficariam sob a

responsabilidade da jovem moça; aceitando o pedido, ela vai até a mansão e fica deslumbrada com tamanha beleza e melancolia.

Nesse momento a jovem conhece Flora, uma encantadora menina que a faz ficar mais tranquila a respeito do que deveria encontrar. A menina demonstra ser doce e alegre, sempre com sua tartaruga de estimação e uma personalidade gentil de se comportar, aos poucos ela vai conquistando o amor e confiança da jovem cuidadora. Algum tempo depois ela conhece Miles, um garoto também encantador e educado e que sempre tinha elogios a dar lhe, ela estava amando seu novo trabalho o qual se dava em cuidar das crianças e ser sua professora particular, no entanto ela percebe que as crianças começavam a ficar estranhas em alguns períodos. Os irmãos que eram doces e educados em alguns momentos agiam de forma dissimulada e que lhe causara medo, era como se eles tivessem sob uma influência externa ou que em alguns momentos eles eram outras pessoas, mas não aquelas crianças inocentes. O que ela não sabia é que antes dela havia ali dois antigos empregados, Srt^a Jessel que era responsável pela educação e cuidados das crianças e que Flora era mais apegada por estarem sempre juntas e Peter Quint que era o caseiro, os dois tinham um romance, mas morreram e estariam agora tentando influenciar as crianças a irem até eles, então coisas estranhas acontecem lá.

Ela começa a ter visões de pessoas desconhecidas naquela mansão, e a governanta que estava lá há mais tempo dá pistas de que sabia alguma coisa, mas não revelava o que era. Ao final tudo vai sendo revelado, a jovem descobre a existência desses dois empregados da casa e que morreram de forma trágica e que possivelmente esses espíritos estavam rodeando as crianças e influenciando elas a fazerem coisas horríveis. As duas mulheres da casa, a cuidadora e a governanta, se unem para ajudar as crianças a se livrarem de tal influência, o que é muito difícil, pois os dois são irmãos e não querem se separar e os espíritos não querem deixar que eles se separem, pois assim ficaria mais difícil influenciar a eles, no entanto tudo se resolve depois de uma tragédia.

Ao nos depararmos com a obra, à primeira vista podemos ficar confusos já no início com o seu título, *The Turn of the Screw*, e o que ele diz a respeito da narrativa? Nesse momento encontramos a primeira representação simbólica da narrativa. Ele traz uma informação misteriosa do que se trata, pois se prestarmos atenção ao ler o livro e observarmos os sentimentos da cuidadora, poderemos perceber que se refere ao medo, à tensão que sentimos ao nos depararmos com algo inesperado ou assustador, pois este símbolo “[...] se constitui em signo simplesmente ou principalmente pelo fato de ser

usado e compreendido como tal, quer seja hábito natural ou convencional, e sem se levar em consideração os motivos que originalmente orientaram sua seleção” (2003, p. 76). Esse caráter convencional do título se dá pela relação metafórica que estabelece com a narrativa e que o leitor perceberá à medida que a lê, pois notará que a representação desse signo está ligada diretamente com as convenções estabelecidas no enredo, o que permitirá compreender o significado do título. Pois *The Turn of The Screw* é exatamente essa reprodução simbólica do que a cuidadora passa em toda a trama, momentos de medo, calafrios e apertos em seu estômago a cada momento convivido com aquelas crianças.

No entanto, por várias vezes podemos ficar confusos se os acontecimentos narrados no texto são reais ou apenas ilusões da mente da preceptora por saber que naquela mansão já havia tido outras pessoas que vieram a falecer. Esta é uma questão que decidimos deixar aberta por ter dois lados de compreensão possíveis e para poder ser observada e decidida por cada leitor ao se deparar com a obra, vamos então seguindo com os símbolos encontrados nessa rica e deslumbrante obra.

Em vários momentos podemos observar a menção de janelas, a mansão é cheia de janelas em vários lugares, nos quartos, nos corredores, nas salas, e por vários momentos coisas estranhas acontecem nessas janelas ou locais próximos a elas, a primeira é quando a preceptora vai colocar Flora para dormir e de repente no meio da noite ela acorda e não vê a menina dormindo, então após a menina sair de traz das cortinas ela se sente mais tranquila.

(BOUM, GUET). En cuanto abertura al aire y a la luz, La ventana simboliza la receptividad; si la ventana es redonda es una receptividad de la misma naturaleza que la del -> ojo y de la conciencia (pozo de día, ojo de buey); si ES cuadrada, es la receptividad terrena, con respecto a las aportaciones celestiales⁴. (CHEVALIER, 1986, p. 1055)

Ou seja, a janela seria uma espécie de portal entre a menina e a antiga cuidadora. A pequena Flora gostava muito da Srt^a Jessel e não tinha superado ainda a sua morte, então esse espírito se aproveitava da situação e do carinho que a menina tinha por ela e a influenciava durante a noite para que ela fosse ao encontro dela.

4

(BOUM, GUET). Como abertura ao ar e à luz, a janela simboliza receptividade; Se a janela é redonda é uma receptividade da mesma natureza que a de -> olho e da consciência (um poço de dia, uma janela de barco); Se for quadrado, é a receptividade terra com relação às contribuições celestes. (CHEVALIER, 1986, p. 1055, tradução nossa)

Podemos observar que a relação entre a menina e a antiga cuidadora está convencionada à presença da janela como uma relação de receptividade da criança, a qual representa o aspecto terreno, e a antiga preceptora, que simboliza o aspecto celestial que corresponde à característica da janela como símbolo da relação entre o âmbito espiritual e o terreno na trama, como Chevalier aponta.

No momento em que Flora se levanta e vai até a janela de seu quarto, ela olha para o túmulo desses antigos empregados, segundo o dicionário dos símbolos “la tumba representa la morada del difunto, tan necesaria como la casa habitada durante la vida⁵” (CHEVALIER, 1986, p. 1033), seria então essa a casa da Srt^a Jessel e de Peter Quint e a menina influenciada ia até a janela para poder ficar mais próxima da Srt^a Jessel. A partir disso podemos perceber a relação entre a janela, e o túmulo como símbolos relacionados à transição da vida à morte. A janela se apresenta como um canal pelo qual o espírito pode exercer algum poder sobre a personagem, e o túmulo, a imortalidade dos espíritos da preceptora e do caseiro já mortos – e o túmulo que é a morada deles.

O casarão é cheio de quartos escuros, corredores e janelas, a junção desses três símbolos mostra claramente o segredo maligno que existe naquele lugar por ter muitos quartos escuros, a dificuldade de entendimento, acesso à esse segredo por causa dos muitos corredores, e as janelas que sempre tem ao final de cada corredor para os espíritos poderem ter acesso à casa e as crianças facilmente.

A cuidadora costumava ir ao jardim todas as manhãs para pegar rosas e levar até a mansão, Pois, além de cuidar das crianças ela também gostava muito da governanta e a ajudava nesses pequenos detalhes. Em um dia comum ela estava sozinha em meio às roseiras e ao passear por meio daquele lindo jardim de rosas brancas ela se depara com uma estatua de uma criança, E da boca dessa estatua sai uma aranha, simbolizando dessa maneira a inocência das crianças, principalmente de Flora por ser uma garota e a rosa traz uma imagem feminina, aliada a cor branca, que simboliza o bem, o belo e o inocente, bem esse que é quebrado no momento em que em meio as rosas ela avista essa imagem da aranha na boca da estatua, que de acordo com o dicionário dos símbolos “Aunque nosotros tendemos a considerar la araña como

símbolo de maleficência⁶” (CHEVALIER, 1986, p. 115) e que essa junção do belo da rosa branca com o grotesco da estátua com uma aranha em sua boca seria a inocência das crianças com o mal que as influenciava.

Associada a isso, a presença da aranha também evoca, ainda de acordo com Chevalier (1986), uma simbologia de alma ou animal psicopompo, ou seja, um condutor da alma dos mortos. Sendo assim, as crianças estão sendo representadas, por meio da estátua e da aranha, como canais entre dois planos – o plano dos vivos e o dos mortos. Além disso, vale ressaltar também a relação direta das rosas com o ritual de Rosália que ocorria na antiguidade e que consistia na oferta de rosas aos deuses considerados benevolentes no inferno e que tinham como incumbência purificar a alma dos mortos. Ainda no jardim, ela percebe algo estranho na torre próxima à mansão, era a figura de um homem desconhecido que estava parado em cima da torre e olhava para ela, assustada, ela que segurava algumas rosas em sua mão deixa-as cair em um tanque com água e então resolve ir até a torre, Nesse momento temos a ideia de um momento belo para algo assustador, ao chegar lá ela não encontra ninguém além do menino Miles.

A presença da torre como um símbolo na narrativa nos remete imediatamente à tradição cristã, pois lembramos do livro do Gênesis, especialmente no tocante à torre de Babel, que significa “porta/portão do céu” ou “porta/portão de Deus”. De imediato associamos este signo a algo elevado, não só pela questão arquitetônica, mas que a sua definição também permite interpretar. Entretanto, as torres são edificações em que a sua estrutura não está apenas relacionada ao alto, mas que internamente também possui uma parte subterrânea, o que nos remete não apenas a algo ligado à parte espiritual superior, mas também uma instância intermediária uma inferior. O que nos remete à relação anteriormente exposta por meio da janela e do túmulo. Mas a isso cabe também ressaltar a convenção social imposta à torre desde o período feudal, por exemplo, que são construções que têm a finalidade de ser utilizada para observar. Fato este que foi exposto na narrativa por meio do homem misterioso que vigiava a preceptora e que logo em seguida, ao se dirigir até o local, a jovem só encontra Miles.

Em meio a todos estes signos simbólicos que possuem a sua realização diretamente convencionalizada ao contexto sobrenatural da narrativa que sempre evocam significados relativos à morte ou a espíritos que transitam entre os dois planos,

percebemos assim, como afirma Ferraz Júnior (2014) acerca do modo de representação simbólico, que há a adequação dos signos às normas ou praxes de linguagem por meio das convenções estabelecidas entre o código literário e o linguístico. Sendo assim, observamos que elementos aparentemente comuns ganham importância na narrativa por terem o seu significado associado ao contexto no qual está inserido, o que auxilia na construção da significação por meio da leitura do texto. Ou seja, a ação do signo – semiose – permite que o significado desses símbolos, que possuem uma conotação sobrenatural, possa edificar um novo conceito por termos uma sucessão de elementos que se unem para criar uma convenção na narrativa.

A interpretação de um signo se dá por meio da interpretação de signos anteriores e que esta ilustração do princípio semiótico ocorre pelo fato de que, na correlação entre os significados dos símbolos, uma interpretação gera outra e assim sucessivamente, o que nos permite construir a convenção da acepção que esses elementos estabelecem entre si que, a princípio são independentes, mas que na tessitura do texto eles dependem um do outro. Esse processo de criação de um novo significado de um símbolo que gerará outro e assim em diante é o que denominamos na semiótica de *semiose ilimitada*. Desde a primeira interpretação da convenção do título do texto até esse ponto, por exemplo, pudemos observar que essas interpretações estão vinculadas umas as outras para que possamos compreender o que cada elemento transmite na narrativa, o que torna o símbolo uma parte fundamental da estética desse texto.

Ainda desconfiada de tudo o que estava acontecendo naquele local, chega a hora de colocar as crianças para dormir, então ela foi colocar Miles para dormir e percebeu que ele ainda não estava dormindo. Ao perguntar o motivo de ele ainda não estar dormindo, Miles disse que estava agitado e feliz por conhecer ela, quando então eles estavam conversando sobre qual o possível motivo da expulsão do menino da escola e que ela disse a frase “pode confiar em mim, Miles” um vento imediato que vinha da janela fez a vela que estava acesa em cima da mesa se apagar, como se alguma força impedisse o garoto de dizer a ela o que estava acontecendo, outra vez a força dos espíritos influenciando os moradores da mansão por meio da janela e agora também por meio da vela que representa o espírito dos mortos, a chama da vela simboliza as almas que sobem para o céu e que desse modo, ao apagar a vela, significa que o espírito estava presente naquele local.

Desse modo, Mr Quint, que era o espírito responsável por influenciar o menino, usou de sua força através do vento para apagar a vela e assustá-la e dizer a

Miles que ele não deveria dizer nada, e então Miles disfarçou e disse ser apenas o vento, tentando fazer a jovem cuidadora esquecer o que aconteceu.

Outro momento em que aparece a janela é quando a cuidadora está na sala do casarão e de repente o fantasma do senhor Peter Quint aparece. Ele aparece no intuito de ser visto por ela e passar medo, pois ele sabia que ela estava tentando descobrir o que estava acontecendo com as crianças e iria fazer o que fosse possível para impedir alguma força maligna, desse modo a janela seria novamente um portal que ligaria o mundo das trevas em que Peter Quint estava com a casa em que as crianças estavam.

Por vários momentos a menina Flora gostava de ir ao lago e ficava horas por lá, o que se pensava ser uma atitude inocente em que ela simplesmente brincava ao redor do lago, na realidade ela ia até lá para se encontrar com Srt^a Jessel, pois o lago simboliza o olho da terra, um local por onde os espíritos observam as pessoas para poder ter contato com elas, seria então esse lago um local por onde a Srt^a Jessel olhava Flora e se comunicava com ela.

Dessa forma, pudemos perceber como se configura a representação dos símbolos, no que diz respeito ao aspecto sobrenatural do texto *The Turn of the Screw*, nas semioses que fazemos durante a leitura de um texto literário. Essa aplicabilidade da semiótica peirciana, enfatizando o modo de representação simbólico, nos permitiu mostrar como a interpretação de signos que têm o seu interpretate – significado – produzido por meio da relação de um signo com um objeto, nesse caso os objetos não precisaram ser materiais, mas a presença de elementos que socialmente convencionados, dependem diretamente do intérprete. Nesse caso, para que possamos decodificar os símbolos, é necessário que tenhamos conhecimento prévio acerca das normas ou hábitos que regulam em uma determinada cultura o seu conceito e que definem a relação entre signo e objeto.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esclareçamos: o signo é uma coisa que representa uma outra coisa: seu objeto. Ele só pode funcionar como signo se carregar esse poder de representar, substituir uma outra coisa diferente dele. Ora, o signo não é o objeto. Ele apenas está no lugar do objeto. Portanto, ele só pode representar esse objeto de um certo modo e numa certa capacidade. (SANTAELLA, 1995, p. 14)

A semiótica é uma ciência riquíssima em que nos apoiamos para perceber os signos que nos cercam no nosso dia a dia, a partir dela vemos que todos os dias e em todos os lugares nos deparamos com vários signos e os interpretamos sem mesmo perceber. Podemos ver também que ela se expande a diversas áreas como a área verbal, como é o caso das palavras, dos livros, como também a não verbal, que é a música, quadros artísticos, filmes, imagens, etc.. Todo o processo de percepção é feito através da nossa mente, é natural. Pudemos observar os acontecimentos como se fosse aos olhos da cuidadora, seus sentimentos, suas percepções, suas angústias e, por vários momentos, pudemos perceber os símbolos existentes na obra e saber o significado, os quais estavam relacionados fatos obscuros e que havia algo de mal.

Peirce diz que as pessoas percebem esse contexto através de uma tríade, que são elas a Primeiridade, Secundidade e Terceiridade; primeiridade seria o processo no qual a qualidade é percebida na mente de quem observa, é o momento imediato como quando vemos um céu claro e pensamos “o dia hoje vai ser de sol”, mas precisamos tomar cuidado para não confundirmos, pois, ao ver o dia claro essa observação faz parte da primeiridade, ao pensarmos que o dia será de sol essa percepção faz parte da secundidade, eles são bem próximos, mas tem diferenças claras; a secundidade então seria a percepção dos eventos, é a compreensão mais elaborada dos significados, é mais que observar, é pensar; na terceira e última parte, a terceiridade, seria então o processo completo de compreensão, pois é nessa fase em que observamos, pensamos e interpretamos o significado, por exemplo, quando vemos uma ave branca, logo temos a imagem em nossa mente e vem o significado de paz, bondade, pois aprendemos que a ave branca é sinal de algo bom, assim como a cor verde nos trás a ideia de esperança.

Durante o estudo da obra de Henry James, focamos no símbolo, essa terceiridade que está contida na secundidade, conforme foi explicado anteriormente e exposto por meio de tabela. Por meio da relação de representação do objeto por meio do signo para podermos criar o interpretante que foi exposto a todo o momento durante a análise dos elementos aqui expostos, pudemos compreender como se dá, durante a leitura, a edificação das acepções que os símbolos nos propõem por meio de suas convenções com o meio social, cultural e histórico no qual está inserido. Utilizando de algumas definições dadas por Chevalier, pudemos expor melhor ao leitor, apenas a título de ilustração como uma categoria analítica complementar, os conceitos por traz de alguns elementos e vimos que a maioria está diretamente relacionada com a cultural ocidental, ou seja, a própria cultura da qual o texto faz parte. Dessa forma, conseguimos

atingir o objetivo ao qual nos propusemos que era de promover essa semiose acerca da correlação que os símbolos que possuem uma conotação sobrenatural estabelecem dentro da narrativa.

ABSTRACT

Semiotics is the area that studies the signs and what they represent, it expands to several areas such as verbal, non-verbal, music, cinema, photography, visual arts, among others, all of this is part of semiotics, His knowledge is of double aspect, in which his point of view refers to the signifier and the epistemological point of view that connects to the sense of the objects, it is of extreme importance, because if we observe we will realize that everything around us does part of the signs, both what we see and what we feel, and that is exactly what we will do with the work *The Turn of the Screw* by the writer Henry James, quite respected in his time and that brings works very rich and that passed by several countries, Guarding an enormous intellectual baggage, brings in this novel, which is rich in symbols, two lines of reasoning, making some people believe that everything would be real and others believe that everything was an illusion of the mind of the character, being illusion or not, within the plot we come across various symbols that are perceived by the character through objects, places or sensations, and it is precisely through the sensations of this character that we will capture what each sensation or vision could mean. The present work is divided in five parts, the first is some considerations about the author of the work, part in which we will tell a little of his life and we will speak some of his most important works, next we will speak of the symbol within the Peircian semiotics, in that part we will show what it means and what is the purpose of semiotics, the third part is where we will deal with the symbols within *The Turn of The Screw*, trying to interpret as precisely as possible what each event means, in the fourth part we will make a conclusion about the that was exposed in this work and, finally, in the fifth part we will place the references. The objective of this work is the interpretation of symbols that evoke a supernatural connotation present in the narrative in the light of Peircian semiotics. For this, we will use the considerations of Santaella (1995), Peirce (2003), Ferraz Junior (2014), regarding the considerations about the Peircian semiotics; And Chevalier & Gheerbrant (1986), of which we will use some concepts about some symbols only as an illustration of some cultural issues, but which we do not intend to take into account of the bias of philosophical considerations. Finally, we used as a methodology for the development of this work the revision of bibliographical research, by means of electronic and documentary for the theoretical foundation and collection of the corpus, respectively, with the purpose of promoting the interpretation of the symbols.

Keywords: Semiotics. Symbols. American Literature.

REFERÊNCIAS

BLOOM, H. **Genios**: Un mosaico de cien mentes creativas y ejemplares. Barcelona: Anagrama, 2002.

CHEVALIER, J. **Diccionario de los símbolos**. Barcelona: Editorial Herder, 1986.

FERRAZ JUNIOR, E. **Semiótica aplicada à Linguagem Literária** de Expedito Ferraz Jr. João Pessoa: Editora UFPB, 2014.

PEIRCE, C. S. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva. 2003.

SANTAELA, L. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

SANTANA, A. L. **Semiótica**. Disponível em:
<<http://www.infoescola.com/filosofia/semiotica/>>. Acesso em: 22 dez. 2016.

UOL. **Biografias: Escritor britânico de origem norte americana, Henry James**. Disponível em: < <https://educacao.uol.com.br/biografias/henry-james.htm>>. Acesso em: 22 Dez. 2016.

VANSPANCKEREN, Kathryn. **Outline of American Literature**. U.S. Information Agency: 1994.